

## **MANEJO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM MEDIANTE AS INTERCORRÊNCIAS NA AMAMENTAÇÃO**

Julia Krohling Pereira<sup>1</sup>, Luciana Pinto do Nascimento<sup>1</sup>, Luciene Klabund Shreder<sup>1</sup>, Bianca Lacchine Paula<sup>2</sup>, Cintia Barreto Ferreira Andrade<sup>3</sup>, Syane de Oliveira Gonçalves<sup>3</sup>, Ana Caroline Simões<sup>3</sup>, Lucas Rodrigues Diniz<sup>3</sup>, Ana Carolina de Goes Batista Amaral<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

<sup>2</sup> Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

<sup>3</sup> Docente do Curso de Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória, Vitória – ES

### **RESUMO**

A amamentação é um período de extrema importância para o binômio mãe-bebê, permitindo benefícios para ambos, no que se refere a nutrição, desenvolvimento e questões psicológicas. Contudo algumas intercorrências podem ocorrer nesse período de modo que algumas intervenções serão necessárias, juntamente com o auxílio da enfermagem para que esse processo seja mais o mais tranquilo possível. Diante disso, o objetivo do estudo é avaliar o manejo da equipe de enfermagem mediante as intercorrências que podem surgir na amamentação. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura como metodologia aplicada do estudo nas bases de dados BDeuf e LILACS, sendo selecionados 10 artigos para a discussão. Conforme análise da literatura, é notório que apesar das intercorrências que podem ocorrer durante a amamentação, elas podem ser prevenidas juntamente com o auxílio da enfermagem, em especial o enfermeiro, que desde as primeiras consultas do pré-natal está presente com a mãe. Sendo assim é de grande importância a enfermagem conhecer bem sobre o assunto para, desse modo, ter capacidade suficiente para fornecer o suporte adequado às necessidades apresentadas por essa mulher, sendo o enfermeiro peça chave nesse processo.

Palavras-Chave: Aleitamento materno, Amamentação, Assistência de enfermagem, Enfermagem, Cuidados.

### **INTRODUÇÃO**

O Aleitamento Materno (AM) é essencial para a mãe e o bebê, sendo uma das etapas mais importantes no ciclo da vida de todo ser humano (BRASIL, 2015). É considerado a primeira refeição do Recém-Nascido (RN) (BRAGA; GONÇALVES; AUGUSTO, 2020). Segundo Andrade, Pessoa, Donizete (2018) amamentar vai além de nutrir o RN ela permite uma eficaz interação entre mãe e filho promovendo também um bem-estar a saúde de ambos.

Atualmente, a recomendação é de que os RN's recebam AM até os 2 anos, de forma complementar, sendo indicado o Aleitamento Materno Exclusivo (AME) até os 6 meses, isto é, o RN deve ser alimentado apenas com Leite Materno (LM) até este período (BRASIL, 2015; OMS, 2005).

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde) e a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), o AME é responsável pela prevenção de aproximadamente 6 milhões de mortes infantis por ano (OMS, 2005). O LM traz alguns benefícios para a saúde do RN, como por exemplo: resistência a infecções gastrointestinais, respiratórios e desnutrição, além de melhores índices de desenvolvimento neuro motor, cognitivo e intelectual (OMS, 2005; ANDRADE; PESSOA; DONIZETE, 2018). A AM durante a primeira hora de vida desse RN pode ser um fator de prevenção

contra mortes neonatais, além de que o LM pode prevenir 72% das interações causadas por diarreia e 57% causadas por infecções relacionadas ao sistema respiratório (ANDRADE; PESSOA; DONIZETE, 2018).

Da mesma forma que existem diversos benefícios para os bebês, não é somente eles que usufruem destes, as mulheres que amamentam também têm várias vantagens, como por exemplo: fator de defesa para o câncer de ovários e mama, proteção contra o risco de fraturas ósseas decorrentes da osteoporose, Diabetes tipo 2, hipertensão, influência positivamente ao retorno do peso antes da gestação, além de contribuir com o vínculo mãe-filho (BRASIL, 2015; OLIVEIRA et al., 2020). Apesar de todos os benefícios decorrentes da amamentação para o bebê e a mãe, segundo Marques et al. (2020), inúmeras mães acabam interrompendo o processo de amamentação por questões que envolvem crenças e mitos, problemas na mama e seus cuidados, falta de experiência em relação a pega e posição correta, retorno ao trabalho, fatores psicológicos e fisiológicos.

Apesar da existência de programas de incentivo ao AM, realizados pela OMS e UNICEF, a taxa de prevalência do AME está abaixo do recomendado pelas organizações de saúde citadas (SILVA; SOARES; MACEDO, 2017). Segundo dados apontados por Silva (2020), apenas 40% dos bebês a nível mundial recebem LM de forma exclusiva durante os primeiros meses, e no Brasil, somente 38,6% deles mamam até os seis meses de forma exclusiva.

Dentre as principais intercorrências mamárias associadas ao período da amamentação que levam à interrupção desse período estão as fissuras mamilares devido a pega e posicionamento inadequado do bebê, ingurgitamento mamário em razão do acúmulo de leite, mastite e abscessos mamários, condições mais graves relacionadas ao agravamento das fissuras e ingurgitamento (SHUMANN, 2018).

Conforme dados apresentados por Morais et al. (2020), cerca de 80 a 95% das mulheres que amamentam apresentam dor mamilar nas primeiras semanas de pós-parto, o que corrobora para o desmame. Cada intercorrência tem suas peculiaridades e devem ter início do tratamento assim que identificadas para que não se torne algo grave e prejudicial para o AM (MORAES et al., 2020). Além dos desafios mamários, ainda é possível ver que muitas mães acabam sendo vítimas de informações errôneas baseadas em mitos e crenças impostas pelo âmbito na qual elas convivem, destacam Vaucher e Durmam (2006).

Além disso, durante a amamentação, a mãe passa por sensações e sentimento de insegurança, impotência, dor, ansiedade, entre outros, buscando ajuda familiar e sua rede de apoio como consequência da sua falta de conhecimento, relatam Lima, Meneghin e Wichoski (2022). Desta maneira, essas mulheres acabam sendo influenciadas pelo meio em que vivem, colocando em prática algumas ações que prejudicam tanto a ela quanto ao bebê, no período da amamentação (LIMA; MENEGHIN; WICHOSKI, 2022)

O interrompimento do AM e introdução de outros alimentos na dieta do bebê são frequentes, gerando consequências para saúde da criança, como exposição a riscos patogênicos, aumentando o risco de diarreias, doenças respiratórias, otites, prejuízos da digestão e respiração, entre outras (SANTOS; SCHEID, 2019;

VASCONCELOS, BARBOSA, GOMES, 2020).

Diante de tantos casos de desinformação e das complicações que a amamentação pode gerar, se faz necessário profissionais de saúde para ajudar na divulgação de informações e aplicação dos conceitos, sendo que a equipe de enfermagem possui um papel primordial no manejo da amamentação, sendo peça importante para promoção da saúde as mulheres e crianças (SOUZA; FERNANDES, 2014). O enfermeiro possui papel fundamental nas três fases da gestação, no puerpério, no parto e pós-parto, onde ele atua dando explicações da anatomia e fisiologia das mamas, a composição do leite, seus benefícios para o binômio e as consequências que o desmame precoce provoca, auxilia na hora da amamentação com uma pega correta e os cuidados necessários (SANTOS; MEIRELES, 2021).

Conforme Souza e Fernandes (2014) alguns cuidados podem ser inseridos dentro das consultas de pré-natal realizadas na atenção primária, como forma preventiva mediante a algumas intercorrências na amamentação. Os autores explicam o quanto é importante ressaltar desde essas consultas a importância do AM, suas vantagens para mãe e bebê e alertando sobre as dificuldades que podem acabar surgindo durante o processo (SOUZA; FERNANDES, 2014).

Além da promoção de saúde no âmbito da atenção primária é preciso que seja realizado acompanhamentos pós-parto, durante o período puerperal, orientando e tirando dúvidas dessas mulheres, ressaltam Souza e Fernandes (2014). Por isso, o enfermeiro precisa estar capacitado e ter conhecimento do assunto para assegurar a essa nutriz uma amamentação plena, concluem os autores (SOUZA; FERNANDES, 2014).

É notável que uma mãe bem-preparada durante a gestação e pós-parto mantém a amamentação por maior tempo evitando intercorrências, além de se sentir mais segura quando possui o suporte das redes de apoio (SILVA; SOARES; MACEDO, 2017; SANTOS; SCHEID, 2019; VASCONCELOS, BARBOSA, GOMES, 2020).

Fica evidente a necessidade da realização de práticas de cuidados, proteção e prevenção a essas mães, seja relacionado a alguma complicação patológica, ou a crenças impostas pela sociedade aplicadas durante o processo de forma errônea, uma vez que a falta de informação e o manejo correto durante a amamentação, pode gerar consequências sérias para a mãe e a criança até a sua vida adulta (SILVA; SOARES; MACEDO, 2017; SANTOS; SCHEID, 2019; VASCONCELOS, BARBOSA, GOMES, 2020). Diante disso, surge o questionamento: quais os cuidados devem ser realizados pela enfermagem diante das intercorrências que surgirem na amamentação? Dessa forma, o objetivo desse trabalho é avaliar o manejo da equipe de enfermagem mediante as intercorrências que podem surgir na amamentação.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que de acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010) refere-se a uma pesquisa com abordagem ampla e completa referente às revisões, incluindo estudos experimentais e não-experimentais, combinando conceitos, evidências, revisão de teorias e análise dos problemas.

Define-se revisão integrativa a pesquisa com as seguintes etapas: elaboração da pergunta norteadora, importante pontuar que a partir de uma pergunta clara e objetiva, a pesquisa tem maior fluidez; busca ativa do material que será utilizado para a pesquisa dentro de bases de dados confiáveis, selecionando os artigos mais plausíveis para a pesquisa; coleta dos dados e análise do material selecionado, analisados de forma minuciosa; análise dos dados; apresentação da revisão (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

A pergunta norteadora escolhida foi “quais os cuidados devem ser realizados pela enfermagem diante das intercorrências que surgirem na amamentação?”.

A pesquisa por literaturas foi realizada através da internet, com auxílio da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), nas seguintes bases de dados: Literatura Latino- Americana do Caribe em Ciências de saúde (LILACS), Base de Dados Bibliográficos Especializada na Área de Enfermagem (BDEnf) e MEDLINE, no período de agosto a outubro de 2023.

Foram utilizados os seguintes Descritores de Saúde: “Aleitamento Materno”, “Amamentação”, “Enfermagem”, “Assistência de Enfermagem” e “Cuidados” combinados pelo operador booleano “AND”.

Para seleção dos estudos foram seguidos como critérios de inclusão: artigos que abordassem o tema, artigos atuais, publicados na íntegra, gratuitos e disponíveis na língua portuguesa, teses e dissertações. Os critérios de exclusão foram: artigos em duplicidade nas bases de dados, trabalhos que disponibilizaram apenas resumos, artigos que não apresentavam os fatores de inclusão citados acima, teses e dissertações.

O recorte temporal utilizado foi de 5 anos de publicação, ou seja, trabalhos publicados entre 2018 e 2023. Os trabalhos encontrados foram avaliados e selecionados seguindo os critérios expostos acima.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Leite materno e seus benefícios**

O LM é um alimento completo e rico em proteínas, nutrientes e outros componentes que farão com que a criança cresça saudável, dentro do padrão normal de desenvolvimento (SANTOS et al., 2020). Segundo Santos et al. (2020), o LM é composto por várias substâncias que contribuem na proteção e desenvolvimento do RN, o que o torna único e altamente importante, os autores dão continuidade destacando que além da alimentação, o LM conta com as funções de proteção e prevenção de doenças concluem Santos et al. (2020).

De acordo com o MS, o LM produzido é armazenado nos alvéolos e ductos do seio, enquanto o reflexo de sucção está ativo durante as mamadas, os ductos se enchem de leite e dilatam, realizando a ejeção do líquido (BRASIL, 2015).

O LM é dividido em três fases: o colostro é composto por eletrólitos, proteínas, vitaminas, apresenta baixo teor de lactose e gordura, é o primeiro a ser secretado pós-parto e dura em média até 05 dias, tem sua aparência transparente ou amarelada e possui anticorpos essenciais para os primeiros dias de vida dos RN's; Leite de

transição, por sua vez tem sua produção entre a fase do colostro e leite maduro, é ejetado entre o 6° e 15° dias de vida dos bebês e possui um índice maior de gorduras e carboidratos auxiliando no desenvolvimento e ganho de peso; Leite maduro, possui em sua composição água, lipídeos, proteínas, vitaminas, agentes de defesa e começa a ser produzido entre o 16° e 25° dias de vida do bebê, tem sua aparência esbranquiçada e é responsável pelo maior tempo da amamentação (BRASIL, 2015). O MS argumenta que durante a gravidez, a mama é preparada para o período da amamentação pelos hormônios de estrogênio, progesterônio, lactogênio placentário, prolactina e gonadotrofina coriônica (BRASIL, 2015). Brasil (2015) explica que no decorrer da primeira metade da gravidez, há crescimento dos ductos e desenvolvimento dos lóbulos, a atividade secretora aumenta e há o acúmulo do colostro. A secreção láctea tem seu início aproximadamente com 16 semanas de gestação (BRASIL, 2015).

Após o nascimento e a expulsão da placenta, se inicia a fase II da amamentação, sendo realizada a “descida do leite” proveniente da liberação dos hormônios prolactina e ocitocina, através da sucção acrescenda Brasil (2015). Seguido da “descida do leite”, inicia-se a fase III que depende da sucção do bebê e esvaziamento da mama, também chamada de galactopoiese, essa fase se mantém durante todo o processo de amamentação (BRASIL, 2015).

Segundo o Ministério da Saúde (MS) a primeira hora do pós-parto é de fundamental importância para o bebê, além do contato físico entre ele com a mãe, o manejo da amamentação é indispensável, a fim de que a criança aproveite ao máximo os benefícios do colostro, sendo este, um leite adaptado, próprio de mãe para filho, com vários nutrientes que podem, já nos primeiros momentos, nutrir, proteger de doenças e ser a melhor opção de alimento para o bebê que ainda está se adaptando à vida extrauterina e a uma alimentação normal e não mais via cordão umbilical como era dentro da barriga da mãe (BRASIL, 2015).

Silva et al. (2022) complementam que na composição do colostro é encontrado, ainda, imunoglobulinas que combatem infecções e protegem as crianças contra doenças infecciosas e crônicas, promovendo também o ganho de peso adequado. Existem vários fatores imunológicos que protegem a criança relacionados ao LM, um deles é a IgA secretória, presente nas mucosas e é considerada uma das mais importantes para a criança (BRASIL, 2009). Os autores complementam que anticorpos são produzidos contra os agentes infecciosos na qual a mãe já teve contato, proporcionando proteção à criança (BRASIL, 2009).

Silva et al. (2022) destacam que o AM é primordial para o RN nos seus primeiros meses de vida, pois ele fornece toda energia e nutrientes essenciais ao seu desenvolvimento, como lipídeos, carboidratos, proteínas, enzimas, vitaminas e possuir propriedades imunológicas, que são componentes facilmente digeríveis pelo intestino da criança. Dessa forma, vale ressaltar que o LM não é apenas um sustento comum que controla ganho e perda de peso dos bebês, mas sim um alimento completo que não tem apenas a função de saciar a fome, mas de fornecer aconchego, aumentar a imunidade e proteger mãe e criança de diversas doenças (SILVA et al., 2022).

É notável que o AM traz diversos benefícios para a mãe e o bebê, e os benefícios são para a vida toda, sendo possível observar nas crianças amamentadas a diminuição do risco de obesidade, hipertensão, alergias e infecções (BRASIL, 2015). Em consequência, constata-se que o índice de mortalidade infantil cai significativamente em crianças que tiveram a oportunidade de ter de forma exclusiva o AM até os seis meses de idade, e aquelas ainda que tem a oportunidade de receber

o LM até os dois anos, de forma complementar, tendem a desenvolver melhor dicção, coordenação motora, mais saúde de forma geral e até benefícios no desenvolvimento da fala (BRAGA; GONÇALVES; AUGUSTO, 2020).

Além disso, muitas são as vantagens e benefícios da amamentação para a saúde da mulher, quanto a mãe que amamenta, sendo uma delas fator de proteção contra o câncer de mama, além de ser um contraceptivo nos primeiros seis meses pós-parto, desde que a mãe não tenha menstruado ainda (BRASIL, 2015). Além dessas, Brasil (2015) cita outras doenças que podem ser prevenidas como câncer de ovário, câncer de útero, hipertensão, obesidade, diabetes tipo 2, osteoporose, doença metabólica, artrite reumatoide, depressão pós-parto e hipercolesterolemia.

### **Principais intercorrências durante a amamentação**

A prática de amamentar deve ser algo prazeroso para a mãe, contudo em algumas situações esse ato pode gerar ansiedade, sensação de medo e fracasso quando não alcançado em virtude de intercorrências mamárias que podem ocorrer (MORAES et al., 2020).

Uma delas, provocada pela postura incorreta da mãe e/ou da criança durante a prática da amamentação, são as lesões mamilares, que devido à dificuldade de posicionamento apropriado da boca do bebê em relação à aréola e o mamilo, favorecendo uma “má pega”, pode ocasionar ruptura da pele (SOUSA et al., 2017; MARQUES et al., 2020). Segundo Sousa et al., 2017 e Marques et al., 2020, a “má pega” interfere na prática da sucção do bebê e extração do leite materno, não permitindo um esvaziamento eficaz, podendo gerar: aparecimento de fissuras mamilares, ingurgitamento mamário, mastite, abscesso mamário, dentre outras intercorrências.

Em complemento, Shumann (2018) descreve que o surgimento de fissuras mamárias é proveniente da pega inadequada ocasionando ruptura do epitélio que recobre o mamilo acarretando grande incômodo e dor. Esse trauma, segundo Oliveira et al. (2020), é caracterizado por alteração da pele, espessura e coloração do mamilo, com a presença de lesões primárias, podendo ser acompanhado de edema, eritema, fissuras, bolhas, rachaduras, equimoses e escoriações.

Outra dificuldade que tem a possibilidade de surgimento durante o período da amamentação é o ingurgitamento mamário, que ocorre quando a descida do leite torna-se difícil devido compressão e obstrução dos ductos lactíferos, ou pelo volume de LM superior ao que o RN consome (MORAES et al., 2020). Geralmente ocorre entre o terceiro e quinto dia pós-parto, decorrente da apojadura, nome dado quando há a descida do leite maduro, onde o leite torna-o mais denso e viscoso,

complementam Moraes et al. (2020).

Tendo em vista de que o LM não é considerado líquido e sim um fluido de nutrientes, o manejo incorreto da mama e a falta de amamentação em livre demanda, pode gerar acúmulo do leite, onde as mamas ficam ingurgitadas, sendo popularmente conhecido como “leite empedrado” (MORAES et al. 2020; SOUSA et al., 2017). Sousa et al. (2017) complementam que o seio pode apresentar-se edemaciada, distendida, brilhante e avermelhada, favorecendo o achatamento dos mamilos, dificultando a pega do bebê e a fluidez do leite ocasionando grande desconforto e mal-estar.

Coelho, Lima e Arruda (2018) afirmam que um ingurgitamento não tratado pode se agravar gerando mastite, outra complicação que pode ocorrer. Os autores afirmam que a mastite também é um importante complicador que surge durante a amamentação, sendo um processo inflamatório recorrente entre as puérperas, ela pode estar relacionada ou não a infecção de modo que, quando não associada a um agente infeccioso, a inflamação ocorre devido ao acúmulo de leite nos ductos gerando calafrios, mal-estar, febre e abscessos podendo evoluir para quadros infecciosos graves como abscessos mamários, em contrapartida quando relacionada a um agente infeccioso eles penetram e multiplicam-se nas glândulas mamárias (COELHO; LIMA; ARRUDA, 2018).

Além dos fatores físicos que podem dificultar a amamentação é notável a influência dos fatores psicológicos maternos, uma vez que o emocional da mãe com frequência fica abalado, causando ansiedade, frustração e sensação de fracasso, favorecendo para o insucesso da amamentação e induzindo a introdução de outros alimentos (SOUSA, 2019).

Um dos importantes fatores que interferem no AME, segundo Lima, Meneghin e Wichoski (2022), gerando o desmame precoce, é o mito do leite fraco. A insegurança da mãe acaba sobressaindo sobre o desejo por amamentar, principalmente quando o bebê chora de maneira persistente após a amamentação dando margem para que a nutriz associe o choro com fome, acreditando que seu leite não está sendo suficiente para satisfazê-lo, explicam Lima, Meneghin e Wichoski (2022).

Por consequência do choro, inquietação, surge a tendência realizar a inserção de leites “engrossantes”, bicos artificiais, como mamadeiras e chupetas, implicando numa sucção incorreta e mamadas curtas e com menor frequência (SOUSA, 2019). O uso destes itens pode gerar consequências que envolvem a menor estimulação do complexo mamilo-aureolar, tendo como resultado uma menor produção de LM ocasionando a necessidade de complementação alimentar, explicam Alvarenga et al. (2017). Além disso, esses bicos são fontes de contaminação e alteram a dinâmica oral do bebê (ALVARENGA et al., 2017).

Outra questão que pode gerar interrupção do AME, é a introdução de líquidos, como chás e água decorrente da suposição de que o leite materno não sacia a sede da criança, sendo usado como um complemento alimentar (SOUSA, 2019). Contudo essa ideia é equivocada e prejudicial ao bebê, sendo contraindicada pelo MS, uma vez que o LM apresenta água em sua composição, explica Sousa (2019). Segundo Brasil (2009) o uso de chá muitas vezes usado para acalmar e aliviar a cólica do RN, pode ocasionar que o RN confunda sua saciedade ocasionando a diminuição no

número de mamadas, sendo contraindicado. Além disso o excesso de líquidos favorece o risco de diarreias e infecções, complementa o MS (BRASIL, 2009).

A inexperiência das “mães de primeira viagem”, nome popular dado às mães de primeiro filho, juntamente com a influência de pessoas ao seu redor e familiares, pode estar lincada, de forma direta ou indireta, à interrupção do AME, isso se dá devido à falta de informações, ou mesmo relatos de suas próprias experiências sobre o processo da amamentação, o que gera mitos aos quais as mães, por desconhecimento entendem como verdades (VASCONCELOS; BARBOSA; GOMES, 2020).

Diante das intercorrências possíveis durante o processo do aleitamento materno e buscando reduzir o índice de desmame precoce é de total relevância a atuação de profissionais capacitados para promover orientações e realizar os manejos necessários no que tange a amamentação, sendo a enfermagem uma ótima escolha para este papel, uma vez que acompanha todo o processo, da gravidez ao parto e pós parto, podendo atuar combatendo a falta de conhecimento e falta da manipulação adequada diante da amamentação e suas complicações (SOUSA et al., 2017; SANTOS et al., 2020).

### **Cuidados de Enfermagem mediante as intercorrências mamárias**

De acordo com Ramos et al. (2018), é evidente que o índice do desmame precoce é alto no Brasil, apesar das campanhas em prol do AME, pois ainda existem mitos e crenças inseridas na população que impedem o declínio nesse índice. Dessa forma, é necessário que o enfermeiro esteja preparado para implementação de ações visando um cuidado humanizado e com informações consistentes sobre o AM (RAMOS et al., 2018). Feitosa et al. (2019) salienta que o ideal é que essas orientações sejam realizadas desde o pré-natal, assim as mães saberão como agir sem que aconteça um problema maior. Intervenções como o uso de técnicas para promover a pega correta, manter a posição do bebê adequada, manter amamentação em livre demanda, evitar o uso de chupeta e protetores de mamilo, são essenciais para prevenção de traumas mamilares durante a AM, destacam Feitosa et al. (2019).

Diante disso, um dos papéis da enfermagem, portanto, é avaliar se a pega está adequada, para evitar possíveis intercorrências, e para tal, Pinho (2011) descreve que a correta pega é um passo de muita importância para o início da mamada. Pinho (2011) explica que a boca da criança precisa estar bem aberta com seus lábios para fora e o queixo tocando o seio da mãe e para possibilitar uma boa pega, é essencial que a posição do bebê e da mãe também estejam conformes, devendo o RN estar bem apoiado, alinhado ao peito, e a mãe estar bem-posicionada e relaxada, podendo estar sentada com as costas bem apoiadas em uma posição confortável.

Corroborando a esses cuidados, é recomendado realização de massagem nas mamas e aréolas, ordenha para o esvaziamento adequado, uso de sutiã com boa sustentação, auxiliando também na diminuição da dor, tensão das mamas e evitando o surgimento de fissuras (OLIVEIRA et al., 2020).

Segundo o MS no Guia para os Profissionais de Saúde da Atenção à Saúde do



Recém-Nascido, tratando-se de fissuras e traumas mamilares, além do cuidado para pega correta e amamentação em livre demanda, realizando ordenha manual para evitar o ingurgitamento mamário, o autor ainda acrescenta que a aplicação do próprio leite no seio machucado é um aliado para o tratamento (BRASIL, 2014). Alguns estudos como o de Silva et al. (2022) mostra o êxito da pomada de lanolina, proveniente da lã dos carneiros, que apresenta eficácia no tratamento com as lesões, melhora da dor e redução da incidência de novos traumas. Outra pomada utilizada no estudo de Silva et al. (2022) foi a de camomila, que teve melhor resultado no controle da dor em relação a lanolina. Porém, o uso de pomadas não é recomendado pelo MS (BRASIL, 2015).

Em casos de fissuras, na atualidade, a laserterapia em baixa frequência vem sendo utilizada, e tem se mostrado como uma forma efetiva e rápida na reparação do tecido lesionado (SILVA, et al., 2022). Vale ressaltar que, atualmente no Brasil, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), pela resolução 567/2018, regulamenta o uso dessa técnica pelo profissional enfermeiro (COFEN, 2018).

Outro papel importante da enfermagem no manejo da amamentação é a realização da massagem das mamas (SOUZA, 2022). De acordo com Souza (2022), a massagem mamária é a técnica mais eficaz no tratamento e prevenção do ingurgitamento mamário, devendo ser feita de forma delicada com movimentos circulares nas partes mais afetada fluidificando o leite, porém, pela falta de conhecimento das puérperas sobre a maneira correta do manuseio do seio, os resultados acabam sendo insatisfatórios.

A recomendação do MS é de que seja realizada ordenha manual antes da mamada, para que a mama esteja menos tensa e o bebê consiga realizar a pega correta, favorecendo seu esvaziamento adequado (BRASIL, 2014). A ordenha precisa ser feita com a mulher relaxada e bem-posicionada, massageando o seio da forma delicada para fluidez do leite, e para melhor posicionamento do RN para mamar os dedos da mão precisam estar em posição de "C", colaborando na pega, com o polegar deve estar na aréola acima do mamilo e o dedo indicador posicionado abaixo do mamilo, fazendo uma leve pressão em direção a parede torácica conclui Brasil (2014). Além das massagens e ordenha, nos casos de ingurgitamento mamário, o MS recomenda crioterapia ou aplicação de compressa fria, no máximo 20 minutos para alívio da ingurgitação, passado este tempo pode causar efeito rebote, o uso de analgésicos e anti-inflamatórios também são recomendados desde que devidamente prescritos para alívio da dor e redução de edema (BRASIL, 2015). De acordo com o MS, se mesmo com esses cuidados o bebê não conseguir sugar, é recomendado o uso de bomba de sucção para esvaziamento do seio, gerando alívio na mãe e prevenindo mastite (BRASIL, 2015).

Giugliani (2004) explica que, da mesma forma, pode ocorrer a realização de técnica inadequada do manuseio da retirada de LM com o auxílio da bomba de ordenha, o que tende a provocar lesão mamilar e não esvaziamento da mama. O autor salienta que ambas as técnicas deveriam ser ensinadas as mulheres que amamentam ainda no período do pré-natal visando uma melhor adaptação da mãe no momento correto da aplicação (GIUGLIANI, 2004).

Como explicitado, o manejo ineficaz de uma mama ingurgitada pode gerar um processo inflamatório e/ou infeccioso, chamado mastite (GIUGLIANI, 2004). Caso a mãe apresente sinais e sintomas de mastite, o diagnóstico precoce é importante para que não evolua para um abscesso mamário (BRASIL, 2015). O principal cuidado da mastite é o devido esvaziamento da mama, de preferência pelo bebê, e mesmo que haja bactérias presentes na mama, a amamentação segue sendo indicada, afirma o MS (BRASIL, 2015).

Vale ressaltar que as mulheres com mastite, passam por momentos de muita dor, por isso é importante que a equipe de enfermagem esteja preparada para o suporte emocional dessas mães, auxiliando no manejo da mama, ingestão de água em abundância e uso de sutiãs com alta sustentação (GIUGLIANI, 2004; BRASIL, 2015). O MS explica que o tratamento medicamentoso é realizado quando não há melhora dentro das primeiras 24 horas de esvaziamento da mama e demais cuidados. O órgão pontua que este tratamento é realizado com antibióticos mais resistentes como penicilina ou cefalosporinas (BRASIL, 2015). Essas drogas são consideradas seguras para a lactação, pois a quantidade excretada para o leite é mínima, explica Brasil (2015). Todavia, essa medicação só pode ser ingerida com receita e acompanhamento médico, completam Corazza et al. (2008).

Havendo uma evolução de uma mastite para abscesso mamário, os mesmos cuidados da mastite devem ser mantidos, contudo, é necessário que seja realizada drenagem do abscesso, de preferência, com anestesia local (BRASIL, 2015). A amamentação pode ser mantida no seio comprometido, segundo o MS, porém em caso de muita dor, a amamentação pode ser interrompida temporariamente pela mãe até melhora (BRASIL, 2015).

Além das diversas intercorrências físicas supracitadas, é necessário orientações e manejo quanto a algumas questões psicológicas e sociais que ocorrem no processo da amamentação, pois, uma mulher bem inserida na sociedade e na sua cultura pode acabar aderindo a algumas crenças que provoquem consequências ruins para o crescimento do bebê, podendo resultar no desmame precoce, descrevem Lima, Meneghin e Wichoski (2022). De acordo com os autores, algumas mães acabam sofrendo influências pela família, amigos e cultura, colocando em prática essas informações sem bases científicas, um exemplo é quando acreditam que o choro excessivo do bebê após as mamadas e problemas nas mamas seja proveniente de “leite fraco”, pois o “leite não sustenta”, então passam a seguir esses passos enraizados na sociedade (LIMA, MENEGHIN E WICHOSKI, 2022).

Vaucher e Durman (2006) descrevem em sua pesquisa alguns mitos como: leite fraco, pouco leite, bebê não estão crescendo, uso de chupeta para choro, seios que irão cair por conta da amamentação e estas inverdades precisam ser desmistificadas nas consultas do pré-natal e no período do puerpério. Diante disso, é papel da equipe de enfermagem educar a essas mulheres com campanhas de incentivo, promoção e apoio às verdades sobre a amamentação, a fim de prevenir o desmame precoce e outros problemas, como desnutrição e obesidade (VAUCHER E DURMAN, 2006).

Apesar dos mitos e crenças influenciarem a prática da amamentação, geralmente não são assuntos abordados pelas equipes de saúde, sendo necessário inclusão de

programas de assistência em relação a essas ações realizadas pelas mães e familiares, destacam Algarves, Julião e Costa (2015). Segundo os autores, a mãe precisa estar informada sobre as vantagens do aleitamento, mas além disso, precisa estar bem assistida por profissionais habilitados a orientá-la sobre a prevenção das intercorrências provenientes do aleitamento inadequado e ajudá-la sempre que necessário (ALGARVES; JULIÃO; COSTA, 2015).

Vaucher e Durman (2006) ressaltam ainda que, além dos mitos, as emoções da mãe influenciam o andar da amamentação, de modo que as pessoas que a rodeiam são influências em situações de dúvida, medo e intercorrências. Cabe, portanto, a equipe de enfermagem e aos demais profissionais de saúde esclarecer as dúvidas, desmistificar crenças e mitos dessas mães a fim de tornar o período da amamentação um período de amor, segurança e conforto (ALGARVES; JULIÃO; COSTA, 2015).

No geral, por isso, é importante que a equipe de enfermagem em especial o enfermeiro esteja preparado para lidar, compreender e respeitar as culturas, crenças, dogmas que justificam algumas atitudes dessas mães, relatam Vaucher e Durman (2006). O cuidado e assistência dos profissionais durante o período da amamentação, faz parte de uma experiência única do profissional junto a nutriz e o bebê (RAIES et al., 2019). Durante esse processo, há muitas emoções envolvidas e a maioria das mães demonstram fragilidade e medo de amamentar por não se sentirem aptas e seguras durante o processo, explicam Raies et al. (2019).

Portanto, é necessário que o enfermeiro esteja preparado para um atendimento acolhedor, humanizado e empático para com essas mães durante esse período desafiador (RAIES et al., 2019).

Na busca inicial foram encontrados 906 artigos. Depois de aplicado os critérios de inclusão e exclusão gerou um resultado de 47 publicações. Após uma leitura breve dos temas abordados foram selecionados 15 artigos que abordavam conteúdos interessantes para o estudo. Efetuada a leitura minuciosa das publicações, foram selecionados 10 artigos com melhor oferta de informações relevantes ao tema da pesquisa.

Os artigos selecionados estão dispostos no quadro 1, relacionando a base de dado, ano da publicação, autores, título, objetivo e principais resultados, exposto a seguir:

**Quadro 1** – Publicações de artigos por período analisado

BASE DE DADOS	AUTORE S/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	RESULTADOS PRINCIPAIS
LILACS BDENF	IOPP; MASSAF ERA; BORTOLI , 2023	A atuação do enfermeiro na promoção, incentivo e manejo do aleitamento materno	Conhecer as ações desenvolvidas pelo enfermeiro, na promoção, incentivo e apoio ao aleitamento materno, no âmbito da atenção básica à saúde.	Foram observadas com maior relevância a questão das orientações desenvolvidas pelo enfermeiro referente a amamentação. As principais intercorrências atendidas nas unidades: são fissuras dificuldade na pega e ingurgitamento mamário. A maioria das participantes relataram não possuir uma norma escrita sobre amamentação na unidade de saúde.
LILACS BDENF	PERES et al., 2023	Apoio social e estratégias para	Conhecer as estratégias utilizadas	Os profissionais de saúde se autodeclararam a principal fonte de apoio à mulher no período

		promoção do aleitamento materno segundo profissional de saúde	pelos profissionais de saúde para promoção do aleitamento materno bem como sua percepção sobre o apoio recebido pelas mulheres.	do aleitamento materno, sendo que seis deles indicam a família como fonte de apoio complementar nesse processo e a mencionam como principal estratégia para proteção, promoção e manutenção do aleitamento materno, a educação em saúde.
LILACS	SANTANA A; SILVA; MARTINS, 2023	Assistência do Enfermeiro no Aleitamento materno: uma revisão de literatura	Demonstrar as principais características do leite materno, os benefícios da amamentação e demonstrar o papel do enfermeiro nesse contexto.	Os dados obtidos a partir de uma revisão demonstraram que a assistência do enfermeiro no contexto do aleitamento materno se dá principalmente através da consulta de enfermagem, onde o mesmo presta os cuidados necessários para minimizar os possíveis prejuízos para o binômio mãe e filho, por meio de orientações e desenvolvimento de ações que visam promover e incentivar o aleitamento.
LILACS BDEF	ZANLOR ENZI, 2022	Protocolo de enfermagem para o manejo clínico do aleitamento materno na atenção primária a saúde	Desenvolver um protocolo de enfermagem para o manejo clínico do aleitamento materno na APS	Como resultado produziu-se um protocolo que conta com 13 vídeos e 9 ilustrações inéditas, fundamentados nos dados obtidos pela revisão integrativa da literatura, levantamento das evidências científicas e oficinas realizadas com a equipe de enfermagem da APS.
LILACS BDEF	ZANLOR ENZI et al., 2022	Fragilidade e potencialidades do cuidado de enfermagem em aleitamento materno na atenção primária: revisão integrativa	Identificar as fragilidades e potencialidades do cuidado de enfermagem no apoio ao aleitamento materno na atenção primária à saúde (APS).	Fragilidades envolvem embasamento teórico/prático incipiente dos profissionais de enfermagem, cuidado limitado voltado ao aleitamento materno e à desorganização do serviço e do processo de trabalho. Como potencialidade, identificou-se a educação em saúde, desenvolvida pelo enfermeiro, durante o pré-natal e pós-parto.
LILACS BDEF	PEREIRA et al., 2021	Fatores que interferem na realização do aleitamento materno exclusivo.	Compreender a importância do aleitamento materno exclusivo (AME) e identificar os fatores que dificultam esse processo.	A maioria dos fatores encontrados nos resultados apresentou como fator de risco o uso de mamadeiras, a alimentação complementar e as chupetas, seguidos do grau de escolaridade das mães e de fatores socioeconômicos; do estado emocional das mães, do tipo de parto, de mães que trabalham fora e da falta de preparo dos profissionais.
BDEF LILACS	VIANA et al., 2021	Estratégias e ações do enfermeiro no incentivo ao aleitamento materno: revisão integrativa	Identificar as estratégias e ações utilizadas pelo enfermeiro no incentivo ao aleitamento materno.	O estudo foi composto por 14 publicações. Emergiu duas categorias "A prática de educação em saúde utilizada por enfermeiros no incentivo ao aleitamento materno" e "A promoção do apoio familiar como estratégia de incentivo ao aleitamento materno".
LILACS BDEF	SILVA et al., 2020	Contribuição do enfermeiro ao	Analisar a contribuição do	Emergiram duas categorias temática Contribuição do enfermeiro para a promoção

		aleitamento materno na atenção básica	enfermeiro para o aleitamento materno na atenção básica.	do aleitamento materno durante o pré-natal e A visita puerperal como instrumento para a promoção do aleitamento materno.
LILACS BDEF	RODRIGUES et al., 2019	Diagnósticos de enfermagem relacionados à amamentação em nutrizes acompanhadas na atenção primária à saúde	Identificar os diagnósticos de enfermagem da NANDA-I relacionados a amamentação em nutrizes acompanhadas na atenção primária à saúde.	Os diagnósticos de enfermagem identificados foram: Disposição para amamentação melhorada, Amamentação ineficaz, Leite materno insuficiente, Amamentação interrompida, Risco de vínculo prejudicado e Padrão ineficaz de alimentação do lactente.
LILACS BDEF	ALVES et al., 2018	Contribuições de enfermeiros na promoção do aleitamento materno exclusivo	Identificar as contribuições de enfermeiros na promoção do aleitamento materno exclusivo.	Principais contribuições de enfermeiros categorizadas: Educação popular em saúde e visita domiciliar como tecnologias do cuidado de enfermagem; Educação permanente e a interface no aleitamento materno exclusivo; e o acolhimento como estratégia de apoio.

Fonte: Produzida pelos autores

O LM tem papel essencial para o crescimento da criança até a vida adulta, de acordo com Rodrigues et al. (2019) possuindo os nutrientes necessários que variam de acordo conforme a hora do dia e duração das mamadas. Se tratando de LM, Iopp, Massafera e Bortoli (2023), Zanlorenzi (2022), Santana, Silva e Martins (2023), Pereira et al. (2021) complementam dizendo que o LM além de ser o alimento ideal para o crescimento, possui anticorpos que protegem a criança contra vírus e bactérias. Iopp, Massafera e Bortoli (2023) e Zanlorenzi et al. (2022) aprofundam o assunto explicando que o LM protege essa criança até a vida adulta.

Viana et al. (2021), Rodrigues et al. (2019), Zanlorenzi et al. (2022), Zanlorenzi (2022), Pereira et al. (2021), Santana, Silva e Martins (2023) e Iopp; Massafera e Bortoli (2023) destacam que de acordo com o MS, o AME deve ser realizado até os seis meses de vida da criança e após isso, deve ser de forma complementada. Em continuidade Zanlorenzi (2022) ressalta que além de proteger a criança, como citado anteriormente, também diminui a morbimortalidade infantil contribuindo para um desenvolvimento saudável, com boa nutrição, melhor neurodesenvolvimento, bem como boa evolução da cavidade bucal.

Santana, Silva e Martins (2023), Rodrigues et al. (2019) e Zanlorenzi (2022) apontam os sinais que interferem nesse período, como a dificuldade na pega, a ausência de sucção ativa e a dor. Já Iopp, Massafera e Bortoli (2023) e Zanlorenzi (2022) destacam sobre o ingurgitamento mamário e a mastite, que são complicações decorrentes de uma má pega, dificuldade no manejo correto durante a amamentação envolvendo também o posicionamento do bebê.

Somando as questões já mencionadas, Pereira et al. (2021) e Iopp, Massafera e Bortoli (2023) apontam que além das intercorrências já descritas, existem mitos e crenças relacionados a amamentação, incluindo antigos costumes, tabus como leite fraco e insuficiente, se tornando também interferências frequentes nesse período.

Silva et al. (2020) descrevem que esse período também é desafiador para a mãe, onde ela passa por momentos de fragilidade e insegurança necessitando de um suporte de sua rede de apoio. Em concordância, Alves et al. (2018) e Viana et al. (2021) concluem que é preciso que a rede de apoio dessas mulheres seja incluída em programas de educação e saúde junto a ela, desmistificando esses tabus enraizados em sociedade.

Iopp, Massafera e Bortoli (2023), descrevem que toda equipe de enfermagem possui papel importante no período da AM, em especial o enfermeiro. Zanlorenzi et al. (2022) complementam que essas ações de educação em saúde devem ser desenvolvidas por todos da equipe, os profissionais precisam realizar orientações coerentes e de embasamento científico seguindo os princípios éticos e legais da profissão.

O enfermeiro bem-preparado durante o aconselhamento, cria um vínculo de conhecimento científico junto às experiências e vivências da mãe, com o objetivo de transparecer segurança e confiança para essas mulheres que amamentam, conclui Alves et al. (2018). Visto, isso, Santana, Silva e Martins (2023), Alves et al. (2018) e Peres et al. (2023) prosseguem dizendo que os enfermeiros precisam estar sempre atualizados e preparados para esse manejo clínico desde o aconselhamento até a explicação de uma técnica correta mediante a uma intercorrência, frisando a essas mulheres estratégias que apresentam os benefícios para a mãe e o bebê durante esse período.

Segundo Peres et al. (2023), Silva et al. (2020) e Pereira et al. (2021) é fundamental que o enfermeiro tenha uma abordagem integral com a mãe, envolvendo os seus aspectos biológicos, sociais, psicológicos e emocionais, incentivando desde o pré-natal práticas de promoção do AM. Santana, Silva e Martins (2023) e Iopp, Massafera e Bortoli (2023) acrescentam que os enfermeiros são um ponto de apoio para essas mulheres, tendo o papel de educadores, tirando suas dúvidas e apaziguando seus medos provenientes desse período.

Alves et al. (2018) pontuam que os enfermeiros fazem parte de equipes multiprofissionais e tem um papel de alta relevância quando se trata de AM, sua contribuição com ações e durante as consultas, fazem parte de uma experiência única vivida pelas mães dentro da educação em saúde. Santana, Silva e Martins (2023) e Alves et al. (2018) salientam que durante as consultas de pré-natal é necessário orientações sobre o AM, promovendo segurança e esclarecimento das dúvidas que podem surgir durante o período.

Zanlorenzi et al. (2022) mencionam que algo que pode ser realizado pelos enfermeiros além das consultas é o desenvolvimento de palestras, oficinas e grupos de apoio durante o pré-natal na atenção primária, na qual promovem educação em saúde e aumento da eficácia da amamentação. Além das consultas de enfermagem, Silva et al. (2020) destacam a importância das visitas domiciliares puerperais realizadas pelo enfermeiro, na qual tem alta importância no prosseguimento do AM.

Quanto ao atendimento à população, Zanlorenzi et al. (2022) descrevem que os atendimentos precisam ser realizados de forma humanizada e receptiva com escuta ativa das dúvidas, colhendo os dados necessários para que a prática do AM seja

bem-sucedida. Alves et al (2018), Viana et al. (2021), Zanlorenzi et al. (2022) e Zanlorenzi (2022) destacam ainda que a empatia favorece uma boa troca na comunicação, contribuindo para um aconselhamento mais eficaz e objetivo, promovendo o fortalecimento do vínculo.

Zanlorenzi et al. (2022), Zanlorenzi (2022), Alves et al (2018), Viana et al. (2021), lopp, Massafera e Bortoli (2023), Peres et al. (2023), Pereira et al. (2021), Silva et al. (2020) e Santana, Silva e Martins (2023) concluem que com acolhimento precoce e acompanhamento até o puerpério, há sucesso para prevenção dos problemas e dificuldades apresentadas no período da amamentação.

## **CONCLUSÃO**

A amamentação proporciona benefícios para o binômio mãe-bebê, sendo fundamental a sua desmistificação durante o pré-natal até o período puerperal. Daí a importância de se esclarecer as dúvidas que surgem durante essa etapa e oferecer o suporte necessário na ocorrência de alguma intercorrência que possa acontecer.

A prevenção mais efetiva contra as intercorrências mamárias é o favorecimento da pega correta do bebê, bem como a amamentação em livre demanda. Com a pega bem estabelecida o período da amamentação acaba por ser menos doloroso, fazendo com que mãe e bebê passem por uma experiência única de conexão e amor.

É sabido que o LM possibilita que a criança receba os nutrientes necessários para o seu melhor desenvolvimento e crescimento, daí a importância de que o AM seja exclusivo até o sexto mês de vida do bebê. Contudo foi possível notar que nem sempre isso acontece como o esperado, ocorrendo assim o desmame precoce seja por problemas fisiológico, sociais ou psicológicos.

A equipe de enfermagem é uma chave importante no processo de amamentação sendo necessário que eles estejam bem preparados para o incentivo e promoção do AM desde as consultas de pré-natal na atenção básica. Desse modo deve ser salientado os pontos positivos tanto para o bebê quanto para as mães e que mesmo com os desafios, existem tratamentos e formas de ter êxito nesse processo. Campanhas voltadas à amamentação, suporte emocional e quebra dos tabus impostos pela família ou sociedade, são pontos fundamentais para a diminuição da taxa do desmame precoce atualmente no Brasil.

Para que a amamentação alcance um público cada vez maior de mães e familiares, faz se necessário que estudos e pesquisas estejam sempre atualizados de maneira que informações de qualidade sejam passadas, contribuindo para a efetividade do processo da amamentação com segurança.

Vale ressaltar que o enfermeiro é mediador dessa etapa tão importante que é o AM, ensinando o manejo correto da amamentação, bem como os cuidados que a mãe deve ter mediante aos desafios que surgirem ao longo desse processo. Somado a esse ponto, ressaltar os benefícios de alimentar, proteger e prevenir várias doenças a essa criança, sensibilizando essa nutriz de modo que elas se sintam seguras e encorajadas a realizarem esse ato.

## REFERÊNCIAS

- ALGARVES, Talita Ribeiro; JULIÃO, Alcineide Mendes de Sousa; COSTA, Herilanne Monteiro. Aleitamento Materno: Influência de crenças e mitos no desmame precoce. **Revista Saúde em Foco**, Piauí, p. 1-16, 8 jul. 2015. Disponível em: <<http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/saudeemfoco/article/view/912>>. Acesso em: 16 set. 2023.
- ALVARENGA, Sandra C. et al. Fatores que influenciam o desmame precoce. **Aquichan**. Bogotá, v. 17, n. 1, jan/mar 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1657-59972017000100093](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1657-59972017000100093)>. Acesso em: 14 set. 2023.
- ALVES, Tássia R. M. et al. Contribuições de enfermeiros na promoção do aleitamento materno exclusivo. **Revista Rene**, 2019. Disponível em: <[http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/33072/pdf\\_1](http://periodicos.ufc.br/rene/article/view/33072/pdf_1)>. Acesso em: 02 nov. 2023.
- ANDRADE, Heuler S.; PESSOA, Raquel A.; DONIZETE, Livia C. V. Fatores relacionados ao desmame precoce do aleitamento materno. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 40, p. 1-11, 2018 jan/dez. Disponível em: <<https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1698/909>>. Acesso em: 14 set. 2023.
- BRAGA, Milayde S.; GONÇALVES, Monique S.; AUGUSTO, Carolina R. Os benefícios do aleitamento materno para o desenvolvimento infantil. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 9, p. 70250-70260, 2020. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16985/15832>>. Acesso em: 14 set. 2023.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Atenção à Saúde do Recém-Nascido: Guia para os Profissionais de Saúde. **BVS**, Brasília, p. 137-138. 2014. Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao\\_saude\\_recem\\_nascido\\_v1.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_saude_recem_nascido_v1.pdf)>. Acesso em: 16 set. 2023.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar. **Cadernos de Atenção Básica**. Brasília, v. 2, n. 23, p. 1- 186, 2015. Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_crianca\\_aleitamento\\_materno\\_cab23.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2023.
- BRASIL, Ministério da Saúde. SAÚDE DA CRIANÇA: Nutrição Infantil: Aleitamento Materno e Alimentação Complementar. **BVS**, Brasília, p. 1-112. 2009. Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_crianca\\_nutricao\\_aleitamento\\_alimentacao.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_nutricao_aleitamento_alimentacao.pdf)>. Acesso em: 16 set. 2023.
- COELHO, Andressa A.; LIMA, Claudia M.; ARRUDA, Edson H. P. conhecimento de gestantes e puérperas acerca da mastite puerperal. **Journal Health NPEPS**, v. 3, n. 2, p. 1-12, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3021/2584>>. Acesso em: 17 set. 2023.
- COFEN. Anexo da resolução COFEN Nº 567/2018. **Regulamento da atuação da equipe de enfermagem no cuidado aos pacientes com feridas**, [S. l.], 7 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/ANEXO-RESOLU%C3%87%C3%83O-567-2018.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2023.



CORAZZA, Débora et al. Assistência de Enfermagem à Mastite Puerperal. **Revista de Atenção à Saúde**, São Paulo, p. 1-13, 1 jun. 2008. Disponível em: <[https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_ciencias\\_saude/article/view/376](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/376)>. Acesso em: 16 set. 2023.

FEITOSA, Dayse Patrícia Ruiz de Araujo et al. Tratamento para dor e trauma mamilar em mulheres que amamentam: revisão integrativa de literatura. **Revista Nursing**, Osasco, p. 1-5, 1 set. 2019. Disponível em: <<https://revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/378>>. Acesso em: 16 set 2023.

GIUGLIANI, Elsa R. J. et al. Problemas comuns na lactação e seu manejo. **Jornal de Pediatria**, Porto Alegre, p. 137-138, 1 abr. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/jped/a/7rSvJXLw7KbTmD7vdwKMYXB/>>. Acesso em: 16 set. 2023.

IOPP, Patricia H.; MASSAFERA, Gisele I.; BORTOLI, Cleunir F. C.; A atuação do enfermeiro na promoção, incentivo e manejo do aleitamento materno. *Enferm. Foco*, p. 1-6, 2023. Disponível em: <[https://enfermfoco.org/wp-content/uploads/articles\\_xml/2357-707X-enfoco-14-e-202344/2357-707X-enfoco-14-e-202344.pdf](https://enfermfoco.org/wp-content/uploads/articles_xml/2357-707X-enfoco-14-e-202344/2357-707X-enfoco-14-e-202344.pdf)>. Acesso em: 02 nov. 2023.

LIMA, Amanda O.; MENEGHIN, Izadora F.; WICHOSKI, Cleusa. Fatores determinantes para o desmame precoce. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, v. 38, n. especial, p. 1-21, 2022. Disponível: <<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/2594/2363>>. Acesso em: 15 set. 2023.

MARQUES, Victor G. P. S. et al. Fatores que influenciam o desmame precoce. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. 1-27, 2020. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8910/8006>>. Acesso em: 14 set. 2023.

MORAES, Isanete C et al. Percepção sobre a importância do aleitamento materno pelas mães e dificuldades enfrentadas no processo de amamentação. **Revista de Enfermagem Referência**, Coimbra, v.5, 2020. Disponível em: <[https://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-02832020000200009?script=sci\\_arttext&pid=S0874-02832020000200009](https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832020000200009?script=sci_arttext&pid=S0874-02832020000200009)>. Acesso em: 17 set. 2023.

MORAIS, Thaize C. E. V. et al. Técnica de amamentar e a iniciativa de traumas mamilares em puérperas atendidas em um hospital municipal: estudo de intervenção. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/gNhcTykjFzFBrvBptkLSVdf/?lang=pt#ModalTutorss1>>. Acesso em: 18 set. 2023.

OLIVEIRA, Flávia S. et al. A eficácia da educação em saúde na prevenção do trauma mamilar na amamentação: revisão sistêmica. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, jun, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/4bNKhHsPm9NmTWb8fsScJQs/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 18 set. 2023.

OMS, Organização Mundial de Saúde. Estratégia Global para a Alimentação de Lactentes e Crianças de Primeira Infância. **IBFAN**, Cingapura, p. 1-32, 1 set. 2005. Disponível em: <https://www.ibfan.org.br/documentos/ibfan/doc-286.pdf>. Acesso em: 16 set. 2023.

PEREIRA, Andressa O. R. et al. Fatores que interferem na realização do aleitamento

materno exclusivo. **Revista Nursing**, mar. 2021. Disponível em: <<https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/1325/1525>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

PERES, Janaine et al. Apoio social e estratégias para promoção do aleitamento materno segundo profissional de saúde. **Rev e Enf: Portal de Revistas de Enfermagem**, v. 22, 16 jun. 2023. Disponível em: <[http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-38612023000100203](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-38612023000100203)>. Acesso em: 02 nov. 2023.

PINHO, Ana Luiza N. Prevenção e tratamento das fissuras mamárias baseadas em evidências científicas: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Nursing**, Minas Gerais, p. 1-48, 4 fev. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9CZG27>>. Acesso em: 16 set. 2023.

RAIES, Camila L., et al. Care during breastfeeding: Perceptions of mothers and health professionals. **Investigación y Educación en Enfermería**, Medellín, Colombia, p. 1-13, 19 jun. 2019. Disponível em: <<https://revistas.udea.edu.co/index.php/iee/article/view/338897>>. Acesso em: 16 set. 2023.

RAMOS, Ana Elisa et al. Conhecimento sobre aleitamento materno e alimentação complementar dos profissionais de saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, p. 1-8, 30 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/X8Y687nRhjPrqcxGwXbx6h/?lang=en#>>. Acesso em: 16 set. 2023.

RODRIGUES, Lidiane N. et al. Diagnósticos de enfermagem relacionados à amamentação em nutrízes acompanhadas na atenção primária à saúde. **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 6, p. 125-130. 2019. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2785/661>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

SANTANA, Aldilene P. S. F.; SILVA, Solange T.; Martins, Luciana S. Assistência do Enfermeiro no Aleitamento materno: uma revisão de literatura. *Revista Unipar*, v. 27, n. 6, p. 3236-3246, Umuarama, 2023. Disponível em: <<https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/saude/article/view/10392/4903>>. Acesso em 02 nov. 2023.

SANTOS, Amanda Cabral; MEIRELES, Camila Pires. A importância da amamentação exclusiva nos seis primeiros meses de vida e o papel da enfermagem. **Revista Coleta Científica**, v. 5, n. 9, p. 12, 2021. Disponível em: <<https://portalcoleta.com.br/index.php/rcc/article/view/56>>. Acesso em: 18 out. 2023

SANTOS, Andréia A. et al. O papel do enfermeiro na prevenção do desmame precoce. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 2, 2020. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/enfermagem/article/view/2232/1256>>. Acesso em: 18 out. 2023.

SANTOS, Paula P.; SCHEID, Mariene M. A. Importância do aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida para a promoção da saúde da mãe e bebê. **Universidade Paulista UNIP**, São Paulo, 2019. Disponível em: <[https://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/2020/12/15V37\\_n3\\_2019\\_p276a280.pdf](https://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/2020/12/15V37_n3_2019_p276a280.pdf)>. Acesso em: 07 out. 2023.

SHUMANN, Lidia F.M. Intercorrência mamaria no processo de amamentação: fissura

mamilar. **Centro Universitário São Lucas**. Porto Velho, 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio.saolucas.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2920/Lidia%20Fernanda%20M.%20Shumann%20-%20Intercorr%C3%Aancia%20mamaria%20no%20processo%20de%20amamenta%C3%A7%C3%A3o%20fissura%20mamilar.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 set. 2023.

SILVA, Dayane P.; SOARES, Pablo; MACEDO, Marcos V. Aleitamento materno: causas e consequências do desmame precoce. **Revista Unimontes Científica**, v. 19, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/unicientifica/article/view/1189/1227>>. Acesso em: 07 out. 2023.

SILVA, Jaine N. Aleitamento materno: motivos e consequências do desmame precoce em crianças. **Revista Artigos.Com**, v. 20, n. 0, p. 1-7, 2020. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/4756/2635>>. Acesso em: 17 set. 2023.

SILVA, Jéssica I., et al. Intervenções eficazes para tratamento de trauma mamilar decorrente da amamentação: revisão sistemática. **Escola Paulista de Enfermagem**, São Paulo, p. 1-9, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/fdFqNVT4tzxBhs4qqBSK8qQ/>>. Acesso em: 17 set. 2023.

SILVA, Luana S. et al. Contribuição do enfermeiro ao aleitamento materno na atenção básica. **Revista online de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, dez/jan. 2020. Disponível em: <[https://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/7180/pdf\\_1](https://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/7180/pdf_1)>. Acesso em: 02 nov. 2023. SOUSA, Gisele C. M. et al. As intercorrências mamárias e as condutas de enfermagem. **Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde**, v. 2, n. 2, p. 1-11, 2017. Disponível em: <<http://www.revistaremeccs.recien.com.br/index.php/remecs/article/view/19/19>>. Acesso em: 17 set. 2023.

SOUSA, Neilane F. Fatores que influenciam o desmame. **Biblioteca Central UFPA**, Belém, v. 0, n. 0, p. 1-56, 2019. Disponível em: <[https://www.bdm.ufpa.br:8443/bitstream/prefix/5190/1/TCC\\_FatoresInfluenciamDesmame.pdf](https://www.bdm.ufpa.br:8443/bitstream/prefix/5190/1/TCC_FatoresInfluenciamDesmame.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2023.

SOUZA, Eduarda S de et al. Cuidados de enfermagem relacionados ao ingurgitamento mamário: uma revisão integrativa. **Repositório Universitário da Ânima**, Minas Gerais, p. 1-29, 14 jun. 2022. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/25560>>. Acesso em: 16 set. 2023.

SOUZA, Erdnaxela Fernandes do Carmo; FERNANDES, Rosa Áurea Quintella. Autoeficácia na amamentação: um estudo de coorte. **Acna Paulista de Enfermagem**, São Paulo, p. 1-6, 29 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/Cpr8rmYPfcb955YhXcp58M/?lang=pt#>>. Acesso em: 16 set. 2023.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein**, Piauí, p. 1-16, 1 abr. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?lang=en>>. Acesso em: 13 out. 2023.

VASCONCELOS, Thais C.; BARBOSA, Diogo J.; GOMES, Marcia P. Fatores que interferem

no aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida do bebê. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em:

<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/2208>>.

Acesso em: 15 set. 2023.

VAUCHER, Ana Luisa Issler; DURMAN, Solânia. Prevenção e tratamento das fissuras mamárias baseadas em evidências científicas: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, Goiânia, p. 1-8, 26 dez. 2006. Disponível em:

<<https://revistas.ufg.br/fen/article/view/881>>. Acesso em: 16 set. 2023.

VIANA, Marina D. Z. S. et al. Estratégias e ações do enfermeiro no incentivo ao aleitamento materno: revisão integrativa. **Revista online de Pesquisa: Cuidado é Fundamental**, dez/jan. 2021. Disponível em:<

<https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/9236/10196>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

ZANLORENZI, Gisele B. et al. Fragilidade e potencialidades do cuidado de enfermagem em aleitamento materno na atenção primária: revisão integrativa. **Revista de Enfermagem da UFSM**, v.12, n. 36, p. 1-21, 08 set. 2022. Disponível em:<

<https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/68253/48652>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

ZANLORENZI, Gisele B. Protocolo de enfermagem para o manejo clínico do aleitamento materno na atenção primária a saúde. **Acervo Digital UFPR**, Curitiba. 2022. Disponível em:<

<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/79550/R%20-%20D%20-%20GISELE%20BASSO%20ZANLORENZI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. acesso em 02 nov. 2023.